

Projeto de lei criminaliza prática do trote violento

José Luís da Conceição/AE

Os recentes atos de violência que aconteceram em São Paulo e Goiás retomaram as discussões no país sobre a prática de trotes na universidades. Após 14 anos em tramitação na Câmara dos Deputados, o projeto de lei nº 1.023 de 1995, que criminaliza o trote violento, deverá ser votado esta semana.

O projeto e mais 15 anexos consideram como contravenção penal os casos de trote estudantil, quando esses atos submetem alguém à situação ridícula ou ofensiva. Como punição, o texto prevê detenção de um a cinco meses e multa que varia de R\$ 100 a R\$ 500.

Para a presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes), Lúcia Stumpf, o ato violento deve ser combatido. “É necessário que haja a punição desses trotes violentos e humilhantes para que não seja uma tradição nacional. O trote deve ser um momento de integração do estudante. Não é necessário criminalizar o trote, mas os crimes realizados no momento do trote”. Lúcia cita a campanha Trote Cidadão, realizada pela UNE em parceria com a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura), que incentiva a integração entre calouros e veteranos. A iniciativa propõe formas alternativas de recepção dos calouros e repudia ações violentas nas universidades. “Distribuímos materiais de conscientização aos veteranos e damos sugestões de trotes



O projeto de lei pune quem pratica atos que submetam alguém a situação ridícula ou ofensiva

que beneficiem a comunidade como coleta seletiva de lixo e doações de sangue”, relata.

A USP (Universidade de São Paulo) criou há dez anos o Disque-Trote. Os alunos que se sentem agredidos com os trotes devem ligar para o telefone 0800-0121090 e denunciar o caso. Segundo o responsável pelo programa, professor Osvaldo Crisello Junior, houve uma grande redução no número de denúncias. A natureza das ocorrências tam-

bém mudou. “Hoje as queixas são sobre atividades que os alunos foram obrigados a participar, a pintura de calouros ou o corte de calças, mas fatos mais agressivos são mais raros”, destaca Crisello Junior.

A professora Suely Guimarães, do Instituto de Psicologia da UnB (Universidade de Brasília), lembra que os trotes muitas vezes causam traumas ao jovem agredido, exigem tratamento demorado e podem deixar reflexos até mesmo na idade adulta. “O aluno quando passa no vestibular já está sob estresse, a frustração que um trote violento gera pode ser recuperável ou não. Em muitos casos é necessário o tratamento

medicamentoso”, afirma Suely.

Segundo a psicóloga, é preciso destacar transformações sociais verificadas nos últimos anos, como mudanças no ambiente familiar. “As crianças não são mais criadas livres, mas de forma reclusa, e o grande socializador tem sido o computador. Outro fator que pode influenciar o comportamento dos jovens é a ausência dos pais em casa, por causa do trabalho. Como consequência, tem sido cada vez mais comum jovens procurarem atividades que geram emoção e adrenalina, e, para isso, alguns chegam a usar drogas”.

“Trotes violentos acontecem algumas vezes de forma acidental, ou pelo uso de dro-

gas, mas não podemos descartar o caráter sádico de alguns jovens portadores de desvio de conduta. É importante que os pais e professores estejam atentos e observem o comportamento de seus filhos e alunos e, se necessário, devem procurar ajuda”, orienta a psicóloga.

CASO – Em janeiro, a Polícia Civil concluiu um inquérito que apurava um caso de trote violento aplicado em calouros da Escola Técnica Estadual Doutor José Coury, de Rio das Pedras, em junho de 2008. Cinco ex-alunos da instituição podem responder por importunação ofensiva ao pudor, constrangimento ilegal e ameaças.

Trotes podem deixar reflexos na idade adulta